

Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

BRÁSILIA 50 ANOS

SONHO QUE SE TORNOU PATRIMÔNIO DO MUNDO

Sonhada pelo padre italiano Dom Bosco, Brasília virou obsessão para muitos brasileiros, desde o tempo do Brasil Colônia. Mas a ideia da transferência da capital para o interior do país só se concretizou no Brasil República, quando a genialidade do urbanista Lúcio Costa e do arquiteto Oscar Niemeyer se uniu ao empreendedorismo de JK. Pelas mãos de candangos que chegaram de toda a parte do país, a nova capital ganhava formas que a tornariam patrimônio cultural da humanidade.

DO BARRO SE FEZ A CAPITAL DA ESPERANÇA

Desejada por muitos, rejeitada por outros, Brasília concretizou o sonho de Dom Bosco e tornou-se símbolo de modernidade. Futurista, cidade convoca o país a um mergulho em seu destino de prosperidade e justiça social

SORAYA LETICIA

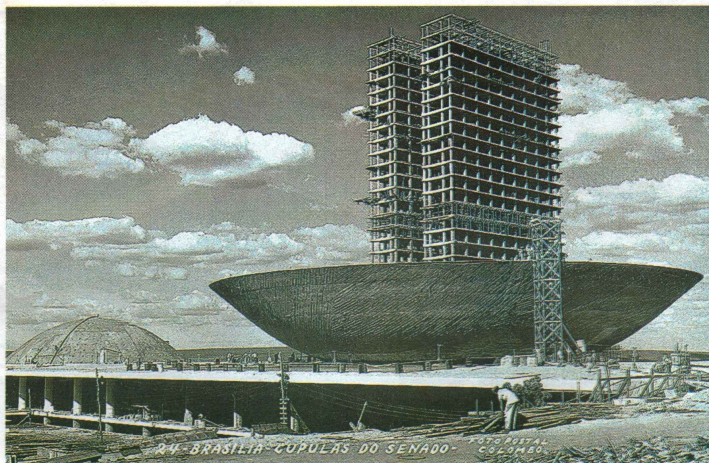
ssouza@jornaldacomunidade.com.br

Dizem que a esperança é uma semente que só brota quando o tempo está ruim. Mas não foi bem assim no Brasil do final dos anos 1950. Aqui, a esperança se fez concreto em pleno coração do país. E isso aconteceu justamente quando vivíamos os chamados "anos dourados".

A bossa nova fazia sucesso no exterior e conquistávamos o primeiro campeonato mundial de futebol, liderados por craques como Pelé, Didi, Garrincha e Nilton Santos. A tenista Maria Esther Bueno também se destacava mundialmente no esporte.

Com a estima elevada, o Brasil elegia o desenvolvimento como palavra de ordem. Nunca pulsara tão forte nos brasileiros a ideia de um país com um futuro grandioso. Juscelino Kubitschek, eleito presidente da República, prometia um progresso de 50 anos em cinco e transferir a capital do Rio para o Planalto Central.

Do pó e do barro nascia Brasília. E, com ela, a concretização do sonho de Dom Bosco. Pela primeira vez na história da República, o país ensaiava a interiorização do progresso para além do eixo Rio-São Paulo. Com curvas



No final dos anos 1950, a transferência da capital do país para o Planalto Central começava finalmente a se concretizar

e traçados arrojados, concebidos pela genialidade de alguns cidadãos e edificadas pela sede de aventura de uma multidão de gente que por aqui aportava vinda de todos os cantos, a nova cidade convidava a Nação a um mergulho no futuro. Futuro de prosperidade, de soberania plena, de fraternidade e justiça social. Era a capital da esperança, como a definiria o escritor francês André Malraux, que então

começava a se erguer, gloriosa e monumental, na solidão do descampado. "Como uma mensagem permanente de graça e poesia", acrescentaria o saudoso poeta Vinícius de Moraes.

Ao completar 50 anos de existência, Brasília já não é apenas um símbolo de modernidade que continua a surpreender. Nem é admirada tão-somente por sua exuberância arquitetônica. Tampouco se manteve como

mera cidade administrativa.

Tornou-se uma cidade capaz de conquistar e de reinventar o futuro do país. Cidade que surgiu com a vocação do crescimento, sem abrir mão de sua prerrogativa de centro de decisões do poder. E que nasceu vocacionada para o progresso. Quem conhece a história de Brasília – e, mais ainda, quem a vivencia no dia-a-dia – não consegue vê-la sem os olhos da admiração.

Ideia surgiu em 1751

Não foi fácil a criação da nova capital. Jogo de interesses, ciúmes provincianos, enfim, não faltaram obstáculos à mudança, em um enredo que começou em 1751, quando surgiu a primeira manifestação a favor da transferência da capital. Foi o Marquês de Pombal que colocou, naquela época, essa possibilidade. Vivíamos o apogeu do Brasil Colônia. Por questão de segurança, os portugueses costumavam construir a cidade mais importante no centro. O marquês chegou a contratar o cartógrafo Francesco Tosi Colombina para elaborar uma carta geográfica de Goiás, onde destaca o Planalto Central. Mas a ideia não foi adiante, barrada pelos interesses das oligarquias instaladas na região Sudeste.

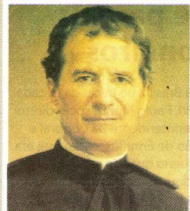
Veio o Império e a ideia da transferência da capital voltou à agenda do poder quando, no dia 20 de outubro de 1821, em reunião com deputados paulistas, José Bonifácio pediu a construção, na latitude de 15°, de uma cidade central para instalar a Corte. Dois anos depois, o Patriarca da Independência pediu à Assembleia Constituinte que desse à nova cidade o nome de Brasília ou Petrópolis.

A vontade de interiorizar a capital era tanta que na primeira Constituição do país, de 1891, havia um artigo prevendo a mudança. "Fica pertencente à União, no Planalto Central, uma zona de 14.400 km² que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura capital federal".

Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

OS DIFÍCEIS CAMINHOS DA MISSÃO CRULS

Montada até em lombo de burro, a comissão desbravou o coração do país em busca do ponto ideal para a construção de Brasília. E fez um verdadeiro raio-X de toda a região, realizando as mais diversas pesquisas



O sonho profético de Dom Bosco

Desejada por brasileiros de todas as naturalidades, Brasília também foi sonhada. Ou melhor: prevista. Foi o padre italiano Dom Bosco quem, no final dos anos 1880, teve, em um de seus sonhos, a visão do surgimento de uma rica e próspera civilização na América do Sul. Sem nunca ter pisado o solo brasileiro, o padre fundador dos Salesianos viu, entre os paralelos 15° e 20°, a Terra da Promissão.

"Entre os graus 15 e 20 existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse, repentinamente:

"Quando viem escavar os minerais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!", profetizou.

"Dom Bosco acreditava que toda a história dele era revelada em sonhos. Aos nove anos ele sonhou trabalhando com jovens. Assim, anos mais tarde fundaria uma congregação salesiana na Itália", comenta padre Pascoal, da paróquia São João Bosco.

As profecias de Dom Bosco já corriam o mundo quando Israel Pinheiro, político mineiro que dirigiu a Novacap, devoto de Dom Bosco, viu no sonho do padre salesiano uma alusão à nova capital, tornando-o padroeiro de Brasília

Foi no Brasil republicano que a transferência da capital para o interior começou a ganhar forma. Em cumprimento ao que determinava a lei, o ex-presidente Floriano Peixoto constituiu, em 1892, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, conhecida como Missão Cruls.

"Não foram poucos os rumores de transferência. Os Inconfidentes já falavam, o Império também, mas tudo isso são pequenas raízes históricas. A partir da Independência é que se começou, de fato, a exploração de terras, inclusive os estudos (para a mudança da capital federal), porque se exigia que fossem as mais altas e também as mais prósperas", observa Antônio Carlos Carpintero, arquiteto e especialista em história de urbanismo da Universidade de Brasília.

A missão, liderada pelo astrônomo belga Luiz Cruls, tinha como objetivo dar sequência ao que dizia a Constituição acerca da nova capital. A diversidade da equipe comprova a dificuldade que seria demarcar as terras onde ficaria a nova capital. Além do mais, a missão deveria descrever as montanhas, hidrografia, posição astronômica, condições do clima e higiênicas, vegetação, qualidade e quantidade de água para o abastecimento, materiais de construção necessários, recursos florestais, etc.

Com tantas pesquisas a serem feitas, o número de equipamentos levados foi grande. Mais de 200 caixas acondicionavam to-



Integrantes da Missão Cruls fizeram vários tipos de pesquisa na região onde seria construída a nova capital do Brasil

dos os materiais e suprimentos para a sobrevivência da equipe. O peso total era de 9,6 toneladas. Na maioria das vezes, a comissão prosseguia a viagem montada em lombo de mula, em uma empreitada que nada ficava a dever aos primeiros desbravadores.

A equipe percorreu cerca de 4.000 Km. No dia 7 de maio de 1894, Cruls publica relatório sobre o Planalto Central: a missão tinha sido um sucesso. As terras ocupadas pelo Distrito Federal são chamadas, até hoje, de Quadrilátero Cruls em homenagem ao chefe daquela missão. Nova comissão foi dirigida pelo general Djalma Poli Coelho para checar as informações da Missão Cruls. A Comissão de Estudos

para a Localização da Nova Capital do Brasil, em 1946, confirmou as informações do astrônomo.

A empresa norte-americana Donald J. Belcher and Associates Incorporated foi contratada, no início da década de 50, para estudos de fotoanálise e fotointerpretação do espaço proposto por Poli Coelho. A área retangular escolhida desta vez era de 52 mil Km².

A mudança da capital do país era uma questão de tempo. E começou a se concretizar a partir de um desafio, lançado em plena campanha presidencial, em 1955. O médico Juscelino Kubitschek de Oliveira, em sua marcha rumo à Presidência da República, foi apartado por um eleitor em um comício na cidade

goiana de Jataí. Antônio Soares Neto, o Toniquinho, queria saber se ele, JK, construiria Brasília, caso fosse eleito.

"O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas Disposições Transitórias, a mudança da capital federal para o Planalto Central". Juscelino, que acabara de prometer cumprir fielmente a Constituição, não pensou duas vezes. "Sim, se eleito for, cumprirei a Constituição e construirei a nova capital aqui, no interior do Brasil". Com o cargo em mãos, a obra seria finalizada em tempo recorde: três anos e dez meses.

O ELDORADO NO CENTRO-OESTE

Marcada pelos traços geniais de Lúcio Costa e Niemeyer, Brasília atraiu grandes construtoras para a edificação da nova capital, muitas das quais existem até hoje

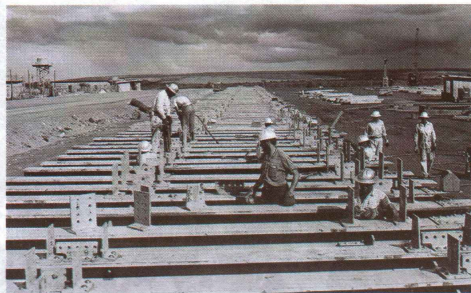
Silvana Amaral

samaral@jornalcoletivo.com.br

A nova capital começou a ganhar vida com as linhas e formas traçadas pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O paisagismo desenvolvido por Roberto Burle Marx resultou em belos jardins a céu aberto. Brasília começava a surgir, em meio à poeira e redemoinhos de terra vermelha do cerrado. Uma obra tão grandiosa que imortalizaria JK e todos os que participaram direta ou indiretamente daquela empreitada.

Eleito presidente em 1955, JK deu os primeiros passos para a construção da nova capital com a desapropriação, em dezembro de 1955, da Fazenda Bananal. No dia 18 de abril de 1956, a mensagem de Anápolis, que propunha a criação da Novacap para fiscalizar as terras, o planejamento, a execução das obras, os contratos, a compra de materiais e tudo acerca da construção de Brasília, foi enviada ao Senado por JK. Em seguida, ele sancionou a Lei nº 2.784, que previa a transferência da capital para o Planalto Central.

Foi lançado então o concurso do Plano Piloto e em outubro do mesmo ano JK veio pela primeira vez à região onde seria erguida Brasília. Em campo aberto assinou o primeiro ato na nova capital, fazendo esta proclamação: "Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das al-



Engenheiros e operários chegam a trabalhar 24h por dia para erguer Brasília

tas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

No dia 20 de setembro de 1956 foi publicado no *Diário Oficial* o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, elaborado pela Comissão de Localização da Nova Capital Federal. Ao todo, 26 projetos foram inscritos. O resultado, divulgado no dia 16 de março de 1957, teve como vencedor Lúcio Costa. O arquiteto e professor da UnB Érico Weidle conta que o projeto de Lúcio Costa era desprezível, um traçado primário de dois eixos cruzando-se em ângulo reto formando uma cruz.

Weidle diz que a capital foi fortemente influenciada pelo modernismo e pelos conceitos desenvolvidos no CIAM que resultam na Carta de Atenas, a qual propõe quatro funções básicas

em uma cidade: habitação, trabalho, recreação e circulação. O grande diferencial de Lúcio foi no setor da habitação, com a criação das superquadras com prédios de seis andares, afastados uns dos outros, permitindo maior ventilação e aproveitamento da luz natural. "Nenhuma cidade foi construída com esta envogadura, com características tão próprias para ser capital. É uma obra ímpar", diz Weidle.

O arquiteto conheceu de perto Niemeyer e Lúcio Costa, com quem esteve por diversas vezes. Ele conta que Brasília teve que ser feita em pouco tempo, apenas quatro anos. Emocionado, relembra a primeira vez que esteve na nova capital, no início de 1970. "Brasília é um milagre brasileiro. É impossível imaginar que em tão pouco tempo o que era apenas cerrado, no meio do Brasil, adquire vida em todos os sentidos e se consolida. É espantoso e admirável".

Sonho era o limite para os trabalhadores pioneiros

Às vésperas de completar meio século de vida, Brasília comprova sua vocação para o desenvolvimento. O gigantesco canteiro de obras, em meio ao vaivém dos caminhões que traziam de outras regiões e até do exterior os materiais para a construção, ganhou formas e vida. Construir a nova capital em pouco mais de 40 meses, no meio do cerrado, exigiu um esforço árduo e a superação de adversidades. Engenheiros e operários chegaram a trabalhar 24 horas ininterruptas. Não foram poucas as empresas que participaram da construção de Brasília. Muitas nem existem mais, mas nem por isso sua contribuição é menor.

Outras iniciaram suas atividades motivadas pelo clima da época, de que tudo era possível. Entre elas estão a Ipê, fundada em 1961 por César Peres, amigo de JK, que fez obras em Taguatinga e no Plano Piloto. A construtora atuou até 1967. Em 1985 o engenheiro Júlio Cesar Peres retomou as atividades da empresa criada por seu pai e a Ipê voltou a todo vapor.

Em 1968 surge a Construtora Villela e Carvalho e a Conbral, criada pelo jovem estudante de engenharia Ennius Muniz em sociedade com quatro colegas de curso. O pai de Ennius era funcionário da Caixa Econômica e foi transferido de Belo Horizonte

para Brasília no início da década de 60. Paulo Muniz, sócio-diretor superintendente da Conbral e irmão de Ennius, conta que era pequeno quando a família mudou para a quadra 413 Sul, mas lembra que existiam alguns prédios prontos e muitos na fase de fundação e construção. A infraestrutura era precária. "Era muito diferente, não tinha campo de futebol e nem mesmo os gramados estavam prontos. Quando ventava era uma correria para fechar as janelas, pois tudo ficava coberto por uma camada de poeira vermelha", relembra Paulo.

Emocionado, ele conta que participou da festa do primeiro aniversário de Brasília. "Eu era pequeno e pela mureta da rodoviária assistia às atrações. Meu irmão Ennius desfilou. Tudo era muito emocionante e intenso".

Com o passar do tempo os sócios saíram e a empresa passa na totalidade para a família Muniz. Ennius conta que as primeiras obras da Conbral estão no Guarã I. Foram construídas 386 casas, num projeto do BNH, na QE 15. Depois disso fizeram obras em Taguatinga, Plano Piloto, Cruzeiro, Sobradinho. No início da década de 70 a empresa entra na área de incorporação. Hoje soma mais de um milhão de metros quadrados construídos e acumula prêmios pela qualidade dos empreendimentos.



Paulo (à esquerda) e Ennius mostram a primeira obra da Conbral no Guarã

A AVENTURA POR UMA VIDA MELHOR

Na esperança de conseguir oportunidade de trabalho, multidões de brasileiros vieram de todas as partes do país se aventurar na construção da nova capital

SAMILA MAGALHÃES

saraujo@jornaldacomunidade.com.br

A construção de Brasília movimentou trabalhadores dos quatro cantos do país. A nova capital prometia uma vida melhor. Os candangos começaram a chegar à região e a erguer seus barracos na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante) e nos arredores do Plano Piloto, no fim dos anos 50.

“Os trabalhadores inicialmente alojaram-se em canteiros de obras e favelas, como em Candangolândia e Metropolitana. Es-

ses acampamentos tinham uma população expressiva e eram localidades provisórias, que seriam destruídas após o fim das obras”, diz Aldo Paviani, professor titular de geografia da UnB e pesquisador associado do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais.

As primeiras cidades-satélites não tinham sido planejadas. Paviani lembra que Lúcio Costa previa as cidades após a conclusão do Plano Piloto, quando fosse atingida a marca dos 500 mil habitantes. Mas o inchaço das invasões levou o governo a

criar Taguatinga, em 1958, construída às pressas para abrigar os operários e seus familiares.

A procura por moradia levou os migrantes aos arredores do DF e à construção de novas cidades. Surgiram então cidades como Sobradinho, Paranoá e Gama. Brasília e Planaltina. As que existiam antes de 1960 foram expandidas e re-estruturadas para receber a mais nova população.

Durante os anos 50, os homens vinham de suas cidades natais sozinhos. A ideia era trazer a família depois. “Inicialmen-



Foto: Arquivo Fotográfico do Instituto Federal

A Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, abrigou os primeiros candangos

te, as pessoas dependiam muito do emprego nas construções. Assim que as satélites foram criadas, surgiram as lojas de ma-

teriais de construção. Vieram também os ‘faz-tudo’, pessoas sem emprego, que sobreviveram como biscoites”, lembra Paviani.

trabalha

**Marque
o aniversário
de Brasília na sua
agenda e o espaço
do seu anúncio
na nossa.**



Reservas até 16/04 / Veiculação: 21/04
Contatos: (61) 3441-0272 / Fax: (61) 3441-0281
comercial@grupocomunidade.com.br

No mês em que completa 50 anos, Brasília será o centro das atenções. Anuncie no Grupo Comunidade de Comunicação e sua marca também será.





Foto: Mary Lahn

Restaurante virou museu vivo do sonho de JK

Afastado há quatro anos do negócio por motivos de saúde, seu Calixto pretende deixar seu legado para os filhos. Quem toma conta hoje da tradicional churrascaria é o seu filho Fábio, que acompanha a trajetória do pai no negócio desde os tempos de menino.

“Eu me criei nesse local e não há nada que me faça sair daqui. Tudo que aprendi eu devo a meu pai e em nome dele eu pretendo continuar com o negócio da família”, afirma o comerciante.

Tantos anos de história fizeram da Churrascaria Paranoá um museu vivo do sonho de JK. A estrutura do local ainda é original. O forro é de madeira ipê, vinda do Paraná, as paredes ainda conservam a cor manga-rosa assim como o azul das janelas e o piso vermelho. A cozinha ainda conserva uma pedra de mármore onde era usada para o corte de carne. Os banheiros lembram a estrutura das casinhas humildes do interior.

O que preocupa hoje seu Calixto é o filho Fábio e o estado de conservação do estabelecimento. Para preservar a história da churrascaria, considerada a primeira de todo o Distrito Federal, Fábio Martins aproveitou o cinquentenário para buscar patrocínio e apoio de empresários e arquitetos para revitalização do local.

“Estamos atrás de interessados que possam nos auxiliar nesse trabalho de reforma, mas conservando a estrutura original. Um pouco da história de Brasília passou por aqui, por isso não podemos abandoná-lo”, conclui Fábio Martins dos Santos.

GOSTINHO DE HISTÓRIA

Churrascaria Paranoá, aberta próximo à barragem antes mesmo da inauguração de Brasília, guarda recordações dos tempos em que Juscelino Kubitschek e outras autoridades públicas frequentavam o local

SHEILA OLIVEIRA

spereira@jornaldacomunidade.com.br

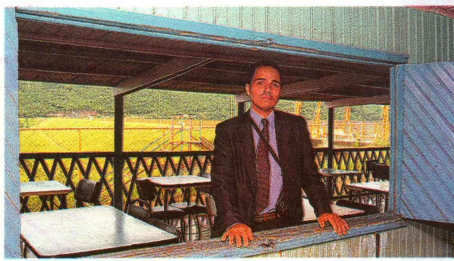
O local é desconhecido por muitos brasilienses. Mas quem é cliente reconhece, na Churrascaria Paranoá, o sabor da história de Brasília. O estabelecimento fica acima da barragem do Paranoá, a cerca de 28 quilômetros do Plano Piloto. Reduto de políticos, engenheiros e operários que participaram da construção da barragem, nas décadas de 1950 e 60, a churrascaria já serviu, inclusive, o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

A história da churrascaria se confunde com a fundação da capital. Inaugurado em 1956, o local era um refeitório para alimentar os que trabalhavam na barragem. Com as visitas ilus-

tres que passou a receber, ampliou seu cardápio e na década de 60 atuava como restaurante. Pioneiro de Brasília, Gomes Calixto dos Santos, 84 anos, comandou este negócio que agrega um pouco da história da capital.

Ex-funcionário da empresa Planalto, contratada para erguer a barragem, o paulista Gomes Calixto veio para a Brasília construir seu sonho de vida, assim como JK. Depois de trabalhar como garçom em cassinos e restaurantes de luxo em Guarulhos (SP), viu no refeitório a chance de ter o seu próprio negócio. Gerente do local, Calixto juntou dinheiro para comprar a parte dos proprietários no refeitório.

Foi assim que, em 1959, inaugurou a Churrascaria Mossoró. Hoje, o filho Fábio Martins dos



Fábio Martins ficou à frente da churrascaria que servia peões e políticos da época

Santos toma conta do negócio devido ao estado de saúde do pai. “A churrascaria servia desde peões a políticos importantes. E o sabor da comida agradava. As pessoas chegavam a fazer fila para almoçar aqui. Para dar conta dessa demanda, meu pai conta que tinha dias em que era preciso matar 12 bois para servir a clientela”, relembra o filho.

A presença mais ilustre entre todos os clientes era, sem dúvida, o ex-presidente JK, que segundo seu Calixto podia ser vis-

to quase todos os dias no local por causa da construção da barragem. Há quem diga, inclusive, que o presidente, em certa ocasião, virou a noite na churrascaria, embalado por muita cantoria. Em 1970, já com a fundação da sétima região administrativa da capital, o Paranoá, a Churrascaria Mossoró transformou-se em Churrascaria Paranoá. Foi nos fundos do estabelecimento que Calixto criou seus seis filhos e adotou outros dois, com a ajuda de Dona Cravolina Martins.

Uma história de vida

"Vi homens debruçados no trabalho pelas madrugadas agora, cantando para espantar o sono e não interromper o serviço", diz JK em mais um trecho de seu discurso na inauguração da Plataforma Rodoviária.

Um exemplo das palavras do presidente é Anazir de Oliveira. Com 70 anos, ele é da época do Morro do Urutu, uma vila construída no Núcleo Bandeirante. Veio da lavoura para morar de aluguel. Foi professor dos jornaleiros e presidente do sindicato das bancas de revistas e jornais durante muitos anos. Enche-se de orgulho para dizer que, em 1976, era proibido vender jornais como a *Voz do Brasil* e o *Pasquim*. Naquele ano, os revolucionários quebravam as bancas que não obedeciam as proibições.

Anazir não teve sua banca quebrada, mas apanhou e ajudou muitas pessoas também. "Naquele período conheci muitos amigos. Na época a rodoviária era muito melhor. Não víamos as mazelas que vemos hoje, mendigos em todos os cantos se drogando e bebendo. Antes, era um ponto de encontro. Me lembro que a primeira vez que vi era somente um buraco, tinha um amigo engenheiro que me mostrou as obras, quando vi não imaginei que seria essa construção atual, era muito diferente", conta Anazir de Oliveira.

O pioneiro é dono da Banca Brasileira, ao lado da estação do metrô. Ao falar da rodoviária, Anazir se emociona: "Considero a rodoviária tudo na minha vida. Foi aqui que construí tudo o que tenho hoje, foi onde criei meus filhos e toda a minha família. Ficarei aqui por um bom tempo, até quando Deus me der vida".

PONTO DE ENCONTRO DE TODOS OS BRASILEIROS

Construída por gente que veio de todos os cantos do país para a aventura de edificar Brasília, a Rodoviária do Plano Piloto foi projetada por Lúcio Costa e se transformou no coração da nova capital dos brasileiros

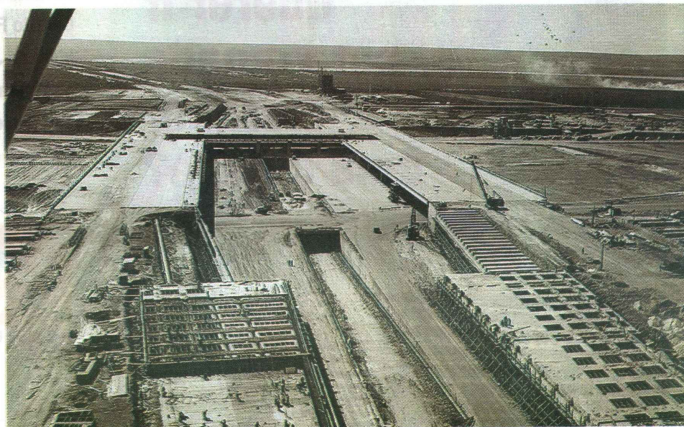
Tais Calado

tcalado@jornaldacomunidade.com.br

"A energia, o arrojo, a inteligência, a arte, a técnica e o esforço físico que se amalgamaram para produzir este monumento e que procederam de todas as fontes genuinamente nacionais vieram revelar um Brasil novo, que não só o mundo mas os próprios brasileiros desconhecem. (...) Do terraço que nos circunda e em que nossa vista mergulha no horizonte infinito, sentirei dentro do peito o nobre orgulho". Palavras do ex-presidente Juscelino Kubitschek ao inaugurar a Plataforma Rodoviária, diante da massa humana que se comprimia nas imediações do Eixo Monumental.

O discurso, feito em 1960, foi dedicado aos trabalhadores que se empenharam nas obras da jovem Brasília. Os trabalhadores e candangos comemoravam os 60 mil m² de concreto usados na época para a construção da Rodoviária do Plano Piloto, o equivalente ao estádio Maracanã. JK, aplaudido, despediu-se: "Quero pedir a Deus que dê a todos os brasileiros paz, tranquilidade e confiança no futuro a fim de que, de fato, sejamos uma nação poderosa dentro de breve tempo".

Na *Revista Brasília* do mês de abril, maio e junho de 1988, Lúcio Costa assim se expressou sobre a rodoviária. "A capital é histórica de nascença, o que não apenas justifica mas exige que se preservem as características fundamentais que a singulari-



Projetada pelo urbanista Lúcio Costa, a Rodoviária do Plano Piloto se tornou o cruzamento de várias Brasília

zam. Assim, se humaniza a cidade, que deve ser, acima de tudo, viva e aprazível".

Na entrevista à revista, o arquiteto e urbanista garantiu que a rodoviária deveria ser preservada como "alma da cidade". E recomendava sua total recuperação sempre que precisasse. "As obras de reforma da plataforma da rodoviária devem ser coordenadas por arquiteto identificado com o projeto original, a ser mantido com rigorosa fidelidade. Acabar definitivamente e manter sempre limpos os logradouros da plataforma rodoviária. Cuidar das plantas, dos bancos e do permanente funcionamento das fontes", acrescentou Lúcio Costa, ao falar das refor-

mas que viriam a ser feitas na obra de sua autoria.

O arquiteto cearense Cláudio Villar de Queiroz, 61 anos, especialista em desenho urbano e mestre em planejamento urbano, carrega em seu currículo anos de trabalho com Oscar Niemeyer. Cláudio mora em Brasília há 26 anos e ministra aulas na UnB. O arquiteto acredita que a rodoviária é a obra mais importante de Brasília. "Não é uma rodoviária, é um grande shopping. É o x da questão. É sofisticada e atinge todas as escalas da arquitetura e do urbanismo".

Por conhecer bem os traços de Niemeyer, Cláudio Queiroz revela um segredo. "Na obra inicial de Lúcio Costa da Platafor-

ma Rodoviária há traços de Niemeyer. Um toque especial que ele deu ao projeto".

Luciana Saboia, professora da UnB, fez sua tese de doutorado tendo como base as teorias sobre a rodoviária. Defendeu sua tese em 2009 na Bélgica. A arquiteta defende que a rodoviária é o centro do cruzamento de pessoas e veículos. "É o cruzamento de várias Brasília. Lúcio Costa desmembra uma praça tradicional e a Praça dos Três Poderes. Na plataforma superior conseguimos ter uma visão de Brasília, do Congresso Nacional e da Praça dos Três Poderes. Assim, a rodoviária é o cruzamento da cidade ao longo do eixo monumental com a capital", diz.

O que fez um homem querer ir para o nada e erguer uma cidade?

Foto: Arquivo Nacional/REUTERS - Contraste/Arquivo Nacional/REUTERS



A história do povo brasileiro se confunde com a história de um presidente. Ousados, investiram na esperança, apostaram no interior e construíram uma cidade-símbolo do futuro. Cidade que mudou este país. O Governo do Distrito Federal é parte desse sonho e dá continuidade ao ideal de Juscelino. Com apenas 50 anos, Brasília é patrimônio cultural da humanidade, capital do seu povo e uma cidade sensacional de se viver. 50 anos de Brasília. Venha comemorar com a gente em uma grande festa no dia 21 de Abril.

